

Selo Revista Conexão Literatura

Para Sempre

CONTOS E POEMAS
DE AMIZADE E AMOR

Ademir Pascale
ORGANIZADOR



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-00-44553-4

2022

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA

- HÁ QUEM NUNCA MORRERÁ, POR ANELISA MARTIN BATISTA, PÁG. 05
O SÍMBOLO DO SOL, POR ANELISA MARTIN BATISTA, PÁG. 08
BÓRIS OTAG, POR ANELISA MARTIN BATISTA, PÁG. 12
DESPEDIDA, POR BRUNO LUCIO ROSA, PÁG. 16
O QUE EU PENSO SOBRE O AMOR, POR CARLA CRISTINA PASSOS CRUZ, PÁG. 19
TALVEZ AMOR, POR ESTELLA GASPAR, PÁG. 21
REFUGIADOS, POR ESTELLA GASPAR, PÁG. 23
SEU AZUL, POR ESTELLA GASPAR, PÁG. 25
AMOR E VIDA, POR IVETE ROSA DE SOUZA, PÁG. 27
HEI DE TE AMAR, POR IVETE ROSA DE SOUZA, PÁG. 30
AMADA LUIZA, POR KÍRIA SAMANTA, PÁG. 32
KITSCH, POR LARA KADOCSA, PÁG. 34
DUALCHAS, POR LIZ MARIA, PÁG. 36
FUTURO DO PRETÉRITO, POR LIZ MARIA, PÁG. 40
AMOR FRAÇÃO DECIMAL, POR LUTANO, PÁG. 42
VENDETA, POR MAICOL CRISTIAN, PÁG. 45
A PERDIDA MENSAGEM?, POR MIGUEL FRANCISCO CANTINHO VIANA, PÁG. 47
O MUSEU DOS DOIS PINCÉIS, POR MIGUEL FRANCISCO CANTINHO VIANA, PÁG. 50
O TEU CLONE, POR MIGUEL FRANCISCO CANTINHO VIANA, PÁG. 53
ALGO VERDADEIRO, POR NATÁLIA FRANCO, PÁG. 56
NÃO VAI ESCUTAR, POR NATÁLIA FRANCO, PÁG. 58
SONHOS E DESEJOS, POR REBECA SALDANHA, PÁG. 60
PARECÊNCIAS, POR BETO FILHO, PÁG. 62
NÓS DOIS, POR TALLES FELIX CARAVETTA, PÁG. 64
ETERNAMENTE SOL, POR WANDA ROP, PÁG. 66
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 68

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA







Apresentamos o Conto Há quem nunca morrerá

Por Anelisa Martin Batista

Sobre a autora: O nome dela é Anelisa Martin Batista, mas todos a chamam de Ane. Nasceu em Curitiba no dia 24 de dezembro de 1983. É casada com o Marco há 14 anos, mas estão juntos desde o verão do ano 2000. Dessa união, nasceram Pedro Antônio (9 anos) e Davi (5 anos), que ela acha crianças lindas e encantadoras, obviamente. É bacharel em Direito e servidora pública no Tribunal de Justiça do Estado do Paraná desde 2006. No exercício das suas funções, ela lê e escreve o tempo todo. Claro que é outro tipo de leitura (não é literatura) e de redação, mas é o que a cativa a ficar sete horas sentada em frente ao computador todos os dias.



Clara recostou-se no tronco de uma araucária. Era gostoso ouvir, lá debaixo, o som dos galhos altos em forma de braços honrando os céus, que estalavam com a força do vento. Foi ali, nesse sossego, que Clara conheceu Joana, uma menina faceira, com seus 16 anos de idade, cheia de sardas no nariz e olhos verdes vibrantes. Joana era cativante, como seus cabelos encaracolados e rebeldes, levemente arruivados.

Joana mal se apresentou para Clara e foi-lhe contando a vida. Ficaram íntimas. Tornaram-se amigas. A conversa rendia horas, até que alguém viesse chamar Clara para o jantar. Era como se as duas moças se conhecessem há tempos, desde os mais remotos momentos da primeira infância. Os pensamentos das duas fluíam de uma para a outra com a mesma agilidade com que o oxigênio percorre o corpo.

De forma despreocupada e alegre, Joana confidenciou à Clara, certa vez, que amava alguém. As duas, então, viveram juntas a emoção da descoberta do primeiro amor. É que Clara, também, havia encontrado uma palpitação diferente em seu coração quando se deparava com Renato. As meninas compartilharam o frio na barriga, o som dos sinos tocados pelos querubins no primeiro cruzamento de olhares, o ciúme que brotava quando pessoas desconhecidas se aproximavam do ser querido com muita intimidade e o medo de serem rejeitadas.

Numa dessas tardes, Joana chegou mais animada do que nunca e contou:

— Ontem ele me beijou. Foi tão intenso, puro e verdadeiro. Natural como eu sempre quis que fosse. Nós estávamos passeando e estava na hora de voltar. Paramos em frente ao portão da minha casa. Um pouco sem jeito, eu desejei boa noite. Quis beijar-lhe o rosto, como é do nosso costume para se despedir, mas ele não me ofereceu o rosto, e sim, os lábios. Quando dei por mim, estava enganchada em seu pescoço. Sorrimos um para o outro e eu, um pouco sem graça, falei que precisava entrar só porque não sabia o que fazer com as minhas mãos e o meu olhar. Disfarçadamente, após fechar a porta, vi pelo canto da janela um rapaz feliz batendo as solas dos pés no ar. Virei-me no escuro da sala e soltei um grito surdo de felicidade!

Clara regozijou-se com o relato da amiga. Torceu tanto para que isso acontecesse e, finalmente, depois de tantos encontros e desencontros, eles formavam um casal.

Por um tempo, Joana viveu feliz com seu amor. Contou cada detalhe para Clara, que não se cansava de escutar, pois cada experiência vivida por Joana ensinava-lhe um pouco mais sobre seu próprio relacionamento com Renato. Acontece que, depois de

meses de amizade profunda, Joana se foi. Não foi o amor que a levou, mas a doença. Não houve um adeus ou uma despedida. Apenas o fim.

Amargurada, Clara sentiu um vazio enorme em seu ser quando leu a última página do livro. Acabou. Joana não existe mais. Uma história linda e trágica de amor. Como Clara iria sentar-se à sua sombra favorita sem Joana para lhe fazer companhia?

Então, Clara virou o livro que segurava nas mãos a fim de observar sua capa tão ricamente ilustrada. Folheou as primeiras páginas e se deu conta de que Joana estava ali mais viva do que nunca para quem estivesse disposto a ler e reler as suas histórias.





Apresentamos o Conto

O símbolo do sol

Por Anelisa Martin Batista

Sobre a autora: O nome dela é Anelisa Martin Batista, mas todos a chamam de Ane. Nasceu em Curitiba no dia 24 de dezembro de 1983. É casada com o Marco há 14 anos, mas estão juntos desde o verão do ano 2000. Dessa união, nasceram Pedro Antônio (9 anos) e Davi (5 anos), que ela acha crianças lindas e encantadoras, obviamente. É bacharel em Direito e servidora pública no Tribunal de Justiça do Estado do Paraná desde 2006. No exercício das suas funções, ela lê e escreve o tempo todo. Claro que é outro tipo de leitura (não é literatura) e de redação, mas é o que a cativa a ficar sete horas sentada em frente ao computador todos os dias.



I.

— Não há vida na escuridão, meu filho! Vamos! Que o sol já está alto no céu. — disse a Dona Maria, abrindo as janelas, deixando a luz penetrar no quarto que cheirava a azedo e a cerveja.

Guaraci escondeu-se embaixo do travesseiro, ainda tomado pelo sono:

— Mãe, é cedo! Hoje é domingo! — resmungou o jovem, cansado depois de uma noite de festa.

— Justamente, dia de tomar café junto com a família e ir para a igreja agradecer o pão que você tem na mesa! – sarcoteava a mulher, juntando as roupas largadas no chão, com um olhar de lince.

Uma baforada de irresignação e Guaraci levantou-se porque sabia que não adiantava discutir com a sua mãe.

Guaraci era um moço bem constituído. Alto. Cheio de vida. Bonito. Encantador mesmo. Seus traços e seu sorriso eram luz e faziam jus ao seu nome. Tinha um espírito leve, tranquilo e divertido. Por onde passava arrastava os olhares das moças seduzidas e outros tantos desdenhosos dos que ficavam ofuscados.

Dona Maria sempre ralhava:

— Andou bebendo Guaraci! O que faço com você meu filho?

Mas Guaraci conseguia agradar a mãe com seu jeito carinhoso, de modo que ela acabava sempre balançando a cabeça com os lábios repuxados para o lado esquerdo, com o coração já esquecido da última noitada.

Provocava o irmão estudioso, elogiava a irmã vaidosa. Falava do Flamengo com o pai. Desse modo, cativava todos. As reclamações entravam por um ouvido e saíam pelo outro.

Ele não se curvava às muitas regras impostas com o objetivo de torná-lo um grande homem no futuro. No fundo, já sabia que o era, só não tinha pressa. Cada coisa no seu tempo. E o momento era aproveitar, curtir a vida, beijar e ser beijado. Rir à toa. Dançar. Surfar. Jogar basquete e conversa fora. Na hora certa, tudo se encaixaria.

II.

Pleno carnaval. Jaci, muito desconfortável, vestia um conjunto de saia e regata pretas, sandálias sofisticadas e cabelos escovados. Tudo emprestado por sua amiga Débora, que insistiu em arrumá-la para o baile.

— Ah! Agora sim! Jaci, você está uma beleza! Nada daqueles trapos que você chama de roupa! Aposto que vai ter um fila de caras disputando você! — disse Débora muito satisfeita com o resultado da sua produção.

Jaci puxava e repuxava a blusa para que sua barriga não ficasse à mostra. Lambia os beiços para desbotar o vermelho do batom. Que vergonha iria passar vestida daquela forma.

Com os ombros encolhidos, saiu do quarto. Na sala todos a espera. Um olhar do pai, outro da mãe, mais dois dos irmãos, que já emendaram um assobio.

— Filho, cuide de sua irmã! Que ela está muito linda hoje! — orientou o pai, piscando satisfeito para Débora, em sinal de agradecimento pela transformação.

— Vão com Deus... e juízo! — abençoa a mãe.

III.

Muita música animada. Todos dançando na pista. O salão à beira-mar está cheio. Jaci fica ali com o grupo de amigas, toda sem jeito. Uma delas pede a sua companhia para buscar uma garrafa de água. Lá se vão as duas de mãos dadas para não se perderem na multidão.

Os olhos de Jaci são, então, atraídos para o centro do salão. Há alguém brilhando no meio de toda aquela aglomeração. Guaraci. Os ouvidos de Jaci já não escutam o barulho da festa. As mãos largam a da amiga. Tudo gira por alguns segundos. Os sinos tocam.

Jaci chacoalha a cabeça, atordoada. O som retorna. Quanta bobagem. Nunca um rapaz como aquele se interessaria por uma moça como ela.

IV.

Guaraci, bem arranjado, com sua latinha de cerveja na mão, dança envolvido pelas garotas. Celebrando a vida e a juventude, Guaraci se depara com uma rapariga magrela, vestida de preto, cabelos longos e lisos. Ela tem um sorriso largo e tímido e olhos agateados que não o veem.

Guaraci segue os passos da folia e da sua diversão. Mas a imagem da menina fica gravada em seu coração.

Apaixonado, ele a procura, mas não a encontra. Tenta descobrir o seu nome. Uma saga. Finalmente... Jaci.

Dá-se início a uma busca que só termina um ano depois, quando finalmente seus olhares se cruzam na alvorada de um dia de verão.

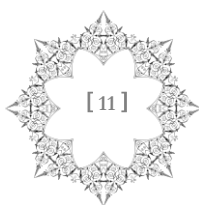
V.

Como previra Guaraci, tudo em sua vida se ajeitou no exato momento em que ele viu passar Jaci, aquela menina que, completamente diferente de Guaraci, era pálida como a lua, recatada e, aparentemente, sem luz própria, a qual cumpria todos os protocolos para ser uma boa moça.

Ninguém compreendeu o que Guaraci viu naquela moça sem graça. Ela própria demorou para perceber o interesse do rapaz. É que ele via nela a sua luz refletida. E, assim iluminada por Guaraci, Jaci transformava-se. Ficava radiante. Ela também sentia a energia e o calor que emanavam dele. Perto de Guaraci, Jaci era capaz de clarear a noite e controlar as marés dos oceanos.

VI.

O amor entre o sol e a lua só fez crescer. Ela tem suas fases. Ele uma energia infinita. É a luz de Guaraci que faz Jaci brilhar até hoje. O amor deles move o mundo inteiro. Dia após noite. Noite após dia. Nas auroras e nos crepúsculos até o final dos tempos.





Apresentamos o Conto

Bóris Otag

Por Anelisa Martin Batista

Sobre a autora: O nome dela é Anelisa Martin Batista, mas todos a chamam de Ane. Nasceu em Curitiba no dia 24 de dezembro de 1983. É casada com o Marco há 14 anos, mas estão juntos desde o verão do ano 2000. Dessa união, nasceram Pedro Antônio (9 anos) e Davi (5 anos), que ela acha crianças lindas e encantadoras, obviamente. É bacharel em Direito e servidora pública no Tribunal de Justiça do Estado do Paraná desde 2006. No exercício das suas funções, ela lê e escreve o tempo todo. Claro que é outro tipo de leitura (não é literatura) e de redação, mas é o que a cativa a ficar sete horas sentada em frente ao computador todos os dias.



Ingês de pavio curto e dono de uma beleza exótica, Bóris Otag estava sempre de cinza. Falava pouco, mas sabia fazer-se ouvir quando era preciso. Gostava de manter as portas sempre abertas, ainda que lá fora estivesse nevando, porque tinha o espírito livre. Tal gosto rendeu-lhe inúmeras discussões com a família. E era um abre-e-fecha de porta que não acabava mais. No fim, triunfava sempre, e a liberdade tão desejada fazia-se concreta na fresta aberta. Todos sabiam que tinha uma saúde um tanto frágil por causa da sua estirpe, e essa era a razão pela qual as portas se mantinham fechadas. Por diversas vezes precisou ser internado, passando longos períodos enfermo. De todo modo, venceu sobre todas as doenças que o abateram. Era muito resiliente, para não dizer um tanto teimoso. Diziam até que tinha as sete vidas de um gato.

Um dia, depois daquela luta cotidiana para manter a porta aberta, sentou-se no seu canto predileto, pôs-se a tomar o seu chá e a observar o pé de mamão do vizinho. Foi quando ouviu um barulho suspeito vindo do outro lado do quintal. Esgueirou-se silenciosamente pelo muro, sem fazer ruído algum, quando se deparou com um marginal.

Não era a primeira vez que encontrava aquele sujeito. Já o vira rondando a casa e em esquinas próximas. Era um tailandês estrábico, de bigode negro, que morava a alguns quarteirões com um homem maluco. Não sabia muito sobre ele, apenas ouvira rumores na vizinhança de que ele gostava de invadir a propriedade alheia por pura diversão, a fim de provocar cães e gatos. Algumas pessoas desculpavam o pobre coitado, porque sua vida era difícil. Outros diziam que era de fato um malandro mal-intencionado.

Bóris Otag quis ver o que aquele miserável queria em seu jardim. Ficou, então, escondido atrás de um arbusto já com os pulsos cerrados. Sentiu seus pelos se ouriçarem, prestes ao embate. Ao mesmo tempo, o tailandês pareceu sentir o cheiro da observação. Virou-se e recolheu uma pequena faca que estava junto à horta.

A tensão crescia e nenhum dos dois se movia. O ar ficou tão denso que era possível rasgá-lo com um golpe.

O Bóris Otag já havia se metido em outras brigas quando mais jovem e sempre se saiu muito mal. Simplesmente não era o bastante ágil e acabava ferido. Seu brio, porém, não o deixava desistir ainda que consciente do estrago que teria que suportar depois.

Minutos se passaram até que o tailandês finalmente encontrou Bóris Otag. Os dois, então, trocaram olhares fulminantes. Nenhuma palavra foi dita. O enfrentamento lembrava uma dança de capoeira. Bóris Otag não resistiu e gritou, saltando sobre o oponente, que era mais jovem e ligeiro.

A família toda saiu para acudir. O tailandês acuado tentou a todo custo pular o muro alto, mas não conseguiu. Fugiu, então, pela bendita fresta da liberdade, por onde, desesperado, sumiu no escuro da noite.

Tal episódio causou em Bóris Otag tamanha gastura que precisou ficar de cama mais uma vez. Da janela do seu quarto via o dito tailandês desfilar para cima e para baixo pela rua, esbanjando disposição e independência. Aquilo torturava o adoentado preso em seu próprio corpo. Assim, em plena convalescência, Bóris Otag imaginava o tailandês invadindo o seu quintal à noite. Ouvia os ruídos que corroíam seu estopim já muito reduzido. Levantava-se, ia até o vitrô do banheiro dos fundos, mas não via nenhum sinal daquele gatuno. Ah! Se conseguisse colocar as mãos nele! Que lição não lhe daria!

Meses seguiram-se até que Bóris Otag, já restabelecido, foi tomar a sua xícara de chá na varanda, já que proibido de ir ao quintal, quando escutou um assobio curto que atravessou a janela, que obviamente estava aberta. Desconfiado, olhou ao redor e não viu nada, então, voltou a sentar-se. Mas mal havia se ajeitado na cadeira, escutou outro assobio. Intrigado, pôs-se de pé, e uma sombra sussurrou:

— Aqui! Vim lhe pedir desculpas! — saiu o tailandês de trás de uma árvore, pondo-se à luz.

Bóris Otag reconheceu aqueles olhos tortos. Seu sangue fervilhou. Em tempo, lembrou-se de suas raízes polidas e, com uma cortesia afetada, perguntou:

— Desculpas por quê?

O rapaz, todo sem jeito, explicou que o homem maluco com quem mora, às vezes, se esquece do inquilino que tem e tranca a porta, deixando-o no lado de fora. Por isso, nessas noites, fica a zanzar por aí sem eira nem beira. Se pudesse, já teria alugado outro quarto, mas o preço que ele lhe cobra é o único que pode pagar.

E continuou:

— Não queria assustar o senhor, quando muito fico olhando o seu lar. O senhor tem uma família muito bonita, que lhe quer bem, que cuida do senhor. Eu gosto de ficar olhando. É tão quente que meu frio passa. Quando soube que o senhor adoeceu, fiquei mal à beça, passei várias vezes por aqui para ver se o encontrava. Então, o senhor me desculpa?

Aquele discurso de bichano abandonado e sem lar comoveu o coração do inglês.

— Ora, claro que o desculpo, não é certo entrar assim na casa das pessoas, mas... Tudo bem, enquanto você cobiçava a minha vida eu aspirava a sua. Acho que estamos quites, né? O que acha?

O tailandês riu envergonhado e perguntou:

— O que eu tenho que o senhor possa querer?

— A liberdade, meu rapaz, a liberdade do corpo são, que vai e vem. — respondeu Bóris Otag – Acompanha-me no chá?

O tailandês subiu as escadas e radiante provou um pouco da bebida quente, que lhe enterneceu até as vísceras.

— Ainda tenho a minha avó, sabe? Ela está muito velha e mora no asilo próximo ao mercado. É por isso que vim. Quero estar com ela quando ela se for. Ela sabe fazer o melhor *thai tea* de toda a Tailândia. Vou arranjar os ingredientes e pedir a ela que prepare um para nós. O senhor vai gostar de conhecê-la e ela também ficará feliz com a sua visita. — falou o tailandês.

Pela fresta da porta, então, a liberdade vinha bebericar seu chá todos os dias. A amizade, quando ganha intimidade, é como família mais-querida e dá asas para quem não pode voar.





Apresentamos o Conto

Despedida

Por Bruno Lucio Rosa

Sobre o autor: Nascido em Curitiba/Pr, Bruno Lucio Rosa é farmacêutico e professor de artes marciais. Aos 37 anos, já participou de cinco antologias de contos pela Cartola Editora e duas antologias de poemas pela Editora Persona e Editora Versiprosa.



Uma das situações mais difíceis que podemos passar é quando nos despedimos de alguém que gostamos. Essa é a situação pela qual Edson e Andrea estão passando nesse momento, no apartamento de Edson.

— Vou sentir saudades de ouvir sua voz de sono pelo telefone. — Diz Edson e Andrea ri.

— Obrigada por me ligar durante todo esse tempo, acordar de manhã nunca foi meu forte.

— Pelo menos lá em São Paulo você pode fazer seus horários.

— Sim, foi mais um motivo que me animou. — Há um pequeno silêncio entre os dois. — Você vai ficar bem?

— Ah, damos um jeito, a gente vai se falando de qualquer forma, achamos um horário para bater papo.

— Sim, sim. Muda um pouco, mas mantemos contato.

— Você se importaria se eu te desse um presente de despedida?

— Claro que não. Uau, obrigada desde já.

Indo até outro cômodo, Edson volta com um vaso em uma das mãos e um borrifador na outra, seus olhos levemente úmidos.

— Desculpe. — Ele diz um pouco constrangido, enquanto coloca o vaso na mesa, ela sorri. — Sabe que sou emotivo.

— Tudo bem, é uma flor bem diferente.

— Sim, pensei nela pelo simbolismo. Deixa eu explicar. Essa é a *Diphylleia grayi*, chamam de flor esqueleto por ela ficar assim transparente a maior parte do tempo, mas você molha. — Ele borrifa água na flor. — E ela fica assim, com as pétalas branquinhas.

— Uau. Que maluco. É muito interessante.

— É... — Edson olha a flor pensativo. — Foi o que pensei sobre nossa amizade, pode parecer assim, transparente agora que você vai ficar longe, mas basta regar que ela aparece. O que achou? Muito piegas?

— Não me importo. — É a vez de Andrea enxugar uma lágrima. — Eu gostei. Da flor e do simbolismo.

— Você vai ficar bem?

— Vou, toda a mudança tem essa expectativa, dá um medinho.

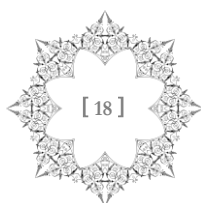
— Sabe que se precisar voltar...

— Sei. E obrigada. Você também quando for à São Paulo, já tem onde ficar.

Eles sorriem um para o outro.

Uma das situações mais difíceis que podemos passar é quando nos despedimos de alguém que gostamos.

Não é a distância nem a rotina, somos nós que escolhemos se as pessoas vão embora ou não.





Apresentamos o Poema

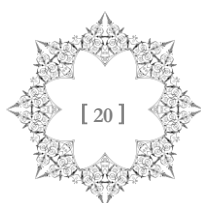
O que eu penso sobre o Amor

Por Carla Cristina Passos Cruz

Sobre a autora: Doutoranda e Mestra em Ciências Computacionais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Bacharelado em Estatística pela Universidade Federal Fluminense (UFF); escritora amadora.



Algo que não se traduz
Mas que se sente com intensidade
O mais puro sentimento
Recíproco e genuíno, de verdade





Apresentamos o Poema

Talvez amor

Por Estella Gaspar

Sobre a autora: Mineira de Passa Quatro e tem na poesia seu gênero literário mais reconhecido. Sua escrita leve e contemporânea segue a linha de poetas brasileiros como Cecília Meireles, Mário Quintana e Carlos Drummond de Andrade. Possui poemas publicados em antologias poéticas nacionais como Prêmio Sarau Brasil 2016 e 2017, Prêmio Poesia Livre 2017 e Prêmio Poetize 2018.



Talvez o amor seja mesmo assim...
Um delírio que a gente cria!
Mistura de alecrim com poesia,
Ao som de uma bossa de Jobim!

Talvez seja o amor sorriso de chegada
E também lágrima de despedida...
Seja o amor essa força desmedida
A provar que somos quase nada!

Talvez o amor seja um fim de tarde:
O sol deixando o palco pra lua.
Um gato pardo a vagar na rua...
A liberdade vista sem alarde!

Talvez seja o amor um trovador
Na tranquilidade de sua chalana,
Confiante na água que abana,
Conduzindo ao destino que for!

Talvez o amor seja o que não se vê.
O sonho de um vagabundo,
O que há de absurdo no mundo...
Talvez o amor seja você!





Apresentamos o Poema

Refugiados

Por Estella Gaspar

Sobre a autora: Mineira de Passa Quatro e tem na poesia seu gênero literário mais reconhecido. Sua escrita leve e contemporânea segue a linha de poetas brasileiros como Cecília Meireles, Mário Quintana e Carlos Drummond de Andrade. Possui poemas publicados em antologias poéticas nacionais como Prêmio Sarau Brasil 2016 e 2017, Prêmio Poesia Livre 2017 e Prêmio Poetize 2018.



Refugiados do meu coração
Partiram com destino ao seu:
Afeto, carinho, paixão...
Todo amor que Deus me deu!

Você quer erguer um muro,
Quer fechar nossa fronteira...
Estão sem rumo e no escuro,
Bem no meio da trincheira!

Monte um assentamento
Na beirada do seu peito.
Tenha uma vez sentimento,
Dê asilo a esses sujeitos!

Não irão voltar atrás!
Vão brigar, fazer motim...
Querem um pouco de paz,
Sem você há guerra em mim!





Apresentamos o Poema

Seu azul

Por Estella Gaspar

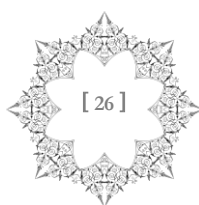
Sobre a autora: Mineira de Passa Quatro e tem na poesia seu gênero literário mais reconhecido. Sua escrita leve e contemporânea segue a linha de poetas brasileiros como Cecília Meireles, Mário Quintana e Carlos Drummond de Andrade. Possui poemas publicados em antologias poéticas nacionais como Prêmio Sarau Brasil 2016 e 2017, Prêmio Poesia Livre 2017 e Prêmio Poetize 2018.



Confesso, sei tão pouco de nós dois...
Se existe antes ou se haverá depois.
Ah... Pra onde o destino nos conduz?
Vou, nesses seus olhos pintados de azuis!

Azul é a cor do céu, do horizonte e do mar.
Azul é a cor do infinito que se pode alcançar!
O céu será nosso telhado pra todo janeiro,
Vamos guardar maresia sob o nosso travesseiro!

Se eu pudesse roubar seu coração, roubaria!
Com a caneta do destino faria de nós poesia,
Mas todo grande amor é obra de algum Deus...
Eu só quero morar no azul dos olhos seus.





Apresentamos o Poema

Amor e vida

Por Ivete Rosa de Souza

Sobre a autora: Nascida em Santo André, canceriana apaixonada Sexagenária, amante de versos e prosa. Sempre e aprendendo a viver.



Minha mãe sempre dizia em sua sabedoria
Que marido não é parente
E era só um adendo que a certa altura da vida
Aparecia na vida da gente
Que era como sobremesa
Que depois de tanto provar causava enjoô
E sem pensar queríamos descartar
Mas na real era diferente
Ficou viúva depois de anos
De uma vida conjugal
Não quis mais ninguém e dizia
Que com a vida dividia com quem não estava mais aqui
Voltou ao celibato e encontrou nesse ato
Outras razões para viver
E por fim partiu deste mundo
Deixando um amor tão profundo
Que me fez entender
Que o que mais vale na vida
É amar sem temer
Fazendo graça e vivendo como se não houvesse amanhã
Meus pais nasceram em maio
Os dois no dia vinte do ano de trinta e quatro

Parece até que combinaram
Vieram a partir desta vida
Ele antes ela depois
No mesmo mês de outubro
Ele no dia dezoito
Ela dia dezesseis
Ela viveu exatamente
O mesmo número de anos
Que viveu no casamento
As vezes a vida é teimosa
Levou minha Margarida Rosa
Para fazer graça em outro lugar
Onde está e seu Joaquim.





Apresentamos o Poema

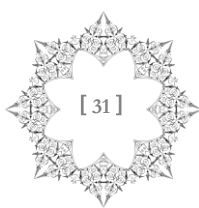
Hei de te amar

Por Ivete Rosa de Souza

Sobre a autora: Nascida em Santo André, canceriana apaixonada Sexagenária, amante de versos e prosa. Sempre e aprendendo a viver.



Te amei tão jovem paixão louca sem medidas
E tantas foram as horas felizes que vivemos
E outras tantas horas infelizes perdidas
Nos ciúmes tolos em nossos desenganos
E amastes a menina e a mulher
Que em ti encontrou porto e segurança
Deixando lembranças alegrias e dores
As vezes os enganos e a desconfiança
Mas relevamos e renegamos os momentos
Em deixamos de nos amar por intrigas
Fomos inocentes em nossos contratempos
Mas conseguimos nos desviar das brigas
E o nosso amor vivido com intensidade
Quis nos mostrar que podemos amar ainda
Em outro mundo além da eternidade
A morte ceifeira e tão temida
Te levou depressa e sem piedade
Me deixou aqui amando sem medida
Pois hei de te amar além desta vida.





Apresentamos o Poema

Amada Luiza

Por Kíria Samanta

Sobre a autora: Graduanda e tem 21 anos. ama ler, escrever e ouvir música, além de outras coisas simples. a literatura pode ser dizer que é a forma na qual ela se expressa e se sente participante no mundo.



Não te confundiria com outra Ana.
Tem coisas que eu gostaria de te dizer,
sobre tudo, os sonhos e os riscos que é viver,
mas na verdade, foi você que me ensinou a ver
e a tomar o ônibus certo para não me perder.

Me senti estranha ao perceber
que no crescer
as coisas mudam para valer.
Eu assim como você,
tinha muitos sonhos
muito desejo de ver e ser,
tudo que poderíamos não ter.
Queria na época saber, que deveria ter
passado mais tempo com você.

Por favor, não quero te esquecer.
Por favor não me esqueça também.
E lembre-se de lembrar
dos pequenos prazeres e de amar.
Lembre-se de andar descalça na grama,
de brincar na chuva, pulando nas poças de lama.
De ir à praia nos fins de semana,
de ouvir musica, dançar e cantar,
tudo que essa vida insana emana.





Apresentamos o Poema

Kitsch

Por Lara Kadocsa

Sobre a autora: Cantora, compositora, atriz e poeta. Formada em Estudos Culturais pela Universidade Humboldt de Berlim, lançou, em 2021, seu álbum autoral e seu livro de poesia, ambos intitulados "ar". Já teve poemas publicados em mais de 10 antologias, canta na roda de samba Os Compandeiros, e desenvolveu, em 2019, junto com Anna Kobzareva, o show performático "nós-outras".



em que momento
o amor passou a ser brega
e deixou de ser
o sentimento mais bonito que podemos ter?
olha lá, eu sendo brega
falando que é o mais bonito
talvez a breguice esteja na beleza
e nos produtos que ela vende
e não no amor
que é bonito
e extrapola qualquer noção
de beleza
ou produto
ou breguice





Apresentamos o Poema

Dualchas

Por Liz Maria

Sobre a autora: Elisa Maria de Freitas é brasileira, natural do Rio de Janeiro. Nasceu em 26 de abril de 1969. Sempre se interessou por todas as linguagens e expressões artísticas, mas as artes plásticas e literárias são sua verdadeira paixão. É graduanda em Artes Visuais. É pintora e comercializa seus quadros via redes sociais. Aventura-se agora, a escrever seu primeiro romance. Dualchas é uma palavra em gaélico, língua escocesa, para o sentimento de pertencimento. Pronuncia-se "Duelrés".



Oh! Escócia! Tua beleza me põe de joelhos!
Resseca minha boca, me deixa com sede.
O azul do teu céu tingi meus olhos e minha alma
com tão esplendorosa pureza!

Oh! Escócia! Tua beleza me põe de joelhos!
Toma-me a respiração e me deixa sôfrega.
Ergo as mãos lentamente para com as pontas dos dedos
contornar teus relevos de planaltos e planícies infinitas...
É tão lindo ver a urze que cobre os campos e encostas deste teu corpo curvilíneo arrepiar-
se ao toque do vento frio e incessante!
Ou seria pelo bafejar quente da minha respiração ofegante?

Oh Escócia tua beleza me põe de joelhos!
Emociona-me e inunda-me os olhos de lágrimas
que caem sobre teu solo
que ainda guarda o calor do sangue derramado de teus ancestrais.
São elas que formam esses pequenos riachos que serpenteiam teus vales
correndo até tornarem-se lagos remansosos?
Quero drená-los, Escócia, até matar a minha sede de ti.

Oh, Escócia! tua beleza me põe de joelhos!
E me deixa ávida!
Deslizo minhas mãos de encontro à relva
— aqui mais áspera e mais densa —
Fazendo-a correr entre meus dedos!
Novos picos, novos vales!
Quero escalá-la, quero explorá-la!
O que há nas fendas escuras que se formam entre teus montes?
Quero descobri-la, Escócia,
E cobri-la com meu amor até afundar-me na maciez da turfa
que recobre teus campos úmidos!

Oh, Escócia! Tua beleza me põe de joelhos!
O teu aroma inebria-me os sentidos
Tuas flores desabrocham diante de meus olhos embevecidos,
Deslumbra-me tuas cores!
Flor Escócia que me seduz com teu néctar,
Tornando-me inevitavelmente adicta do teu sabor!
Teus espinhos cravam-me o coração enchendo-o de dor e prazer,
Marcando-me e tornando-a indelevelmente dona de mim.

Quero prová-la,
Quero sorvê-la!
Deixe-me saber o gosto da tua seiva!
Beberei dela até embriagar-me!

Oh, Escócia tua beleza me põe de joelhos!
Enlouquece-me!
Alucina-me a mágica que esconde em tuas florestas!
Tuas densas árvores devolvem-me um olhar repleto de mistérios.
Sinto teu espírito vivo, vibrante, Escócia,
pulsando sob mim na terra molhada pela tua chuva
Que bate em minha pele como pequenas lanças,
Penetrando-me até o âmago
como se em busca da minha alma!

Possua-me, Escócia, imploro-te!
Deixarás que eu te possua?
Ah, Escócia, tua beleza me põe de joelhos!
O fogo da paixão que me toma,
me queima como as fogueiras que ardem
pela união dos Deuses no dia de Beltane.
Será que teus Deuses nos abençoam, Escócia?
Abençoam a nossa união?

Estou no alto, no pico e sigo subindo,
Voando alto e reto de encontro ao teu céu tão temperamental!
Ora Sol, ora chuva, ora neve, ora vento, ora paz!
Como posso neste momento, me sentir tão tua, Escócia, e ao mesmo tempo,
Tão livre?
Abro meus braços, entregando-me a tua beleza exuberante.
Meu corpo brilha como as luzes da aurora
E explode em cores qual o arco-íris que rasga teu firmamento.
Deixo-me levar, abandonada pelo clímax que me acomete.
Espasmos de prazer convulsionam meu corpo por tudo que absorveu de ti.

Oh! Escócia...
Tua beleza me pôs de joelhos!
Sinto-me drenada.
Languidamente enfraquecida, emocionalmente exaurida.
Deito-me inerte. Fecho meus olhos.
Mas sem ver-te, Escócia, a realidade me rouba de ti
E faz curvar-me em dor e agonia.

Oh! Escócia...
Tua beleza me pôs de joelhos.
Meu coração chora por ter que deixá-la
Mas sou forasteira e meu tempo aqui, finda.
Prometo, no entanto, que banharei meu rosto com orvalho de todas as manhãs
que amanhecerei longe de ti,
na esperança de reencontrá-la, ao anoitecer, em meus sonhos,
até o dia em que voltarei.
Porque eu voltarei, Escócia!
Eu sempre voltarei por ti.





Apresentamos o Poema

Futuro do Pretérito

Por Liz Maria

Sobre a autora: Elisa Maria de Freitas é brasileira, natural do Rio de Janeiro. Nasceu em 26 de abril de 1969. Sempre se interessou por todas as linguagens e expressões artísticas, mas as artes plásticas e literárias são sua verdadeira paixão. É graduanda em Artes Visuais. É pintora e comercializa seus quadros via redes sociais. Aventura-se agora, a escrever seu primeiro romance. O poema Futuro do Pretérito, tenta sintetizar todos os sentimentos, sensações e reações que ficam quando não vivemos o que deveríamos ter vivido.



Mais uma saudade do que jamais será vivido.

Mais uma ausência, um lugar vazio.

Mais uma dor que doerá para sempre.

Uma chaga eternamente aberta,

Uma falta que jamais será suprimida.

A lágrima que sempre será derramada,

O suspiro que escapa, assim, do nada.

O nó na garganta que jamais será desfeito,

O lugar para onde a mente sempre vagará por breves momentos.

O que velará o brilho dos olhos quando este se perder no horizonte.

O sorriso que movimenta os lábios sem uma alegria sequer.

Todos os “se” das minhas frases

Todas as possibilidades não testadas

Todas as escolhas não feitas

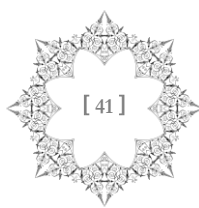
Todas as decisões erradas

Todos os sonhos abandonados

Todas as culpas não expiadas

O perdão não cedido

O silêncio guardando as palavras.





Apresentamos o Poema

Amor fração decimal

Por Lutano

Sobre o autor: Luiz Antonio Costa Tarcitano (Lutano) - Médico Veterinário, Teólogo, Advogado e Professor de Língua Portuguesa e Literatura, iniciou seus poemas no limbo dos anos 70, influenciado pelas vanguardas brasileiras. Possuidor de uma subjetividade sem limites, seus versos fluem por diferentes suportes, transitando, aqui e ali, num interstício de linguagens. Com leveza no olhar e no captar dos materiais que se dispõem à sensibilidade, Lutano consolida sua técnica de fazer versos circulando à vontade das formas livres às fixas com igual proveito estético, mas sempre com muita graça e suíngue.



Eu sonhei um "amor tempo integral"
e acordei com um "de vez em quando",
um amor cinco por dois...
primeiro umbigo dela
e eu ficava pra depois.

Achei que era possível comover
e merecer, aos poucos,
um pouco mais de espaço
que fosse,
mas ela tinha suas "prioridades"
e mandou aguardar até 2022.

Quem sabe em 2023
chegue a minha vez
de tê-la cinco por três?

Eu queria um amor perene,
forte, que não secasse
nas estações estiosas
algo incondicional, supra-humano
sem monopólio ou domínio
mas aprisionado em cativeiro espontâneo.

Mas foi tudo apenas sonho desfeito

vento distante

Eu precisava de uma companheira

e não de uma acompanhante,

um amor inteiro e sacana

não uma fração de fim de semana.





Apresentamos o Poema

Vendeta

Por Maicol Cristian

Sobre o autor: Maicol Cristian é natural de Palmeira das Missões-RS e desde 2005 reside em Curitiba-PR. Formado em administração, especializou-se em Gestão Estratégica e Controladoria. Fã de história em quadrinhos, literatura policial, terror e ficção científica, começou a escrever poemas em abril de 2022.



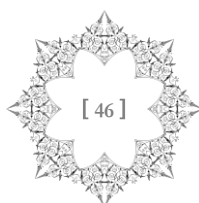
Conheci-a na vastidão imponente
Da tempestade da alma
Fustigado
Embrenhei-me naquela obsessão

Apoderou-se do meu ser
Com seus olhos de sufocar
Sua língua de fisgar
Seu sorriso de fascinar
Suas pernas de amar
E seus braços de encantar

Então, somente então
Quando a esperança de salvação
Acalentava minha existência
Debruçou-se sobre meu leito
E fê-lo meu sepulcro
Deturpando minha essência
Devolvendo-me às trevas

Mas hei de levá-la comigo
Com seus cabelos que açoitam
Sua pele que queima
Suas unhas que cortam
Seu coração que tortura
Sua alma que atormenta

Então, somente então
Desapegar-me-ei da sua vil existência
Vingado
Despojado de esperança
Num imenso e infinito vale fatal





Apresentamos o Poema

A perdida mensagem?

Por Miguel Francisco Cantinho Viana

Sobre o autor: O Miguel captura beleza onde outros só vêem banalidade. Numa discussão constante entre a imaginação e a sensação. Adora criar histórias onde mais ninguém as vê, numa fase da vida em que se sente na idade dos porquês. Um olhar pessoal para com o mundo que o rodeia, com a mente atenta ao que a inspiração lhe sussurra. Encontrou na poesia a ferramenta para se exprimir de forma criativa do que mais lhe faz sentir. Os seus poemas têm um fim, mas não a sua vontade de escrever.



Pensava em escrever-lhe uma mensagem
Enquanto passavam as estações do ano
Mas era-me afogada a coragem
Nas grades do envolvente oceano

Estava isolado na minha própria ilha
Falésias de rochedos do meu quintal
O pôr do sol frio, ausente de partilha
Um único rasto de pegadas pelo areal

Gritar também de nada adiantava
Pois nada se ouvia
Em ondas e tempestades o som se dissipava
E haviam tempestades todos os dias

Decidi escrever uma às escondidas
Com medo que me descobrisse a consciência
Encontrei uma garrafa de vidro quase desistida
Num escombro de areias em falência

Um pedaço de papel por remendar
De tanta chuva que já o desfigurara
Seria suficiente para lançar a mensagem ao mar
Na garrafa e rolha em que a esperança acreditara

Pensei nos rios que ela mais frequentava
E nas praias onde questionava o horizonte
Nos portos onde ia ver os barcos e se deitava
Na imaginação, na realidade e nas suas pontes

Então estudei as correntes a fundo
Mais as suas cúmplices marés e ventos

E mandei a garrafa para lá do meu isolado mundo
Com toda a força sobrevivente daquele momento

Calculei com detalhe o sentido da projeção
E o timing pela sombra do mais alto pinheiro
Quando esta me tentava sugar de novo na escuridão
Quando fingia proteger-me do vento traiçoeiro

Não tinha como saber se alguma vez a encontraria
Mas essa visão morava na minha miragem
Talvez não passasse de uma utopia
Porém a fé era tão forte quanto a mensagem

Passadas noites e noites sozinho à espera
Notei que não dei as minhas perdidas coordenadas,
Que não sabia se ia às mesmas praias onde a conhecera
Ou sequer se a minha letra era ainda recordada





Apresentamos o Poema O museu dos dois pincéis

Por Miguel Francisco Cantinho Viana

Sobre o autor: O Miguel captura beleza onde outros só vêem banalidade. Numa discussão constante entre a imaginação e a sensação. Adora criar histórias onde mais ninguém as vê, numa fase da vida em que se sente na idade dos porquês. Um olhar pessoal para com o mundo que o rodeia, com a mente atenta ao que a inspiração lhe sussurra. Encontrou na poesia a ferramenta para se exprimir de forma criativa do que mais lhe faz sentir. Os seus poemas têm um fim, mas não a sua vontade de escrever.



Eu penso há muito tempo
Penso e continuarei a pensar
Penso no mais frágil momento
Crio cenários completos do que consigo recordar

Cenários dignos de um museu soberbo
Com exposições visuais, sonoras e de todos os sentidos
Pinturas com harmoniosas texturas e verbos
Histórias cantadas em quadros coloridos

Um preço de entrada impossível de quantificar
A adesão do curioso que nunca vira tal arte
Questiona-se com quantas cores tiveram a ousadia de pintar
Os quadros ali pendurados por toda a parte

Este é o museu dos Dois Pincéis
Os que tiveram coragem de usar infinitas tonalidades
Pinceladas de amor, carinhosas e fiéis
Que complementavam as suas individuais debilidades

Dois meros Pincéis foram o suficiente
Para encher o museu que era somente paredes vazias
Com contos de sobrelotar o espaço do subconsciente
E pormenores de encher inúmeras galáxias

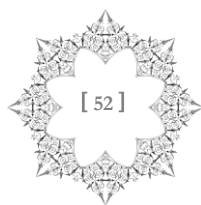
Como eu tenho saudades de ao museu voltar
E da viagem que era o cheiro de cada tinta
De passar a mão na moldura e arrepiar
De derreter-me com a sua música quase extinta

Voltar ao museu ressuscitar-me-ia as memórias
Imagino também um quadro novo por descobrir

Mas receio interpretar diferentemente as antigas histórias
Ou de render-me à novidade e não querer voltar a sair

Fosse a visita má ou boa
Eu já não pertença ao museu dos Dois Pincéis
A desilusão de uma recordação antiga magoa
Como as expectativas futuras mentirosas são cruéis

Porém não consigo deixar de pensar
Como seria um dia sem consequentes recordações
Livre de explorar os corredores e criar
Uma sala cheia de quadros sem quaisquer limitações





Apresentamos o Poema

O teu clone

Por Miguel Francisco Cantinho Viana

Sobre o autor: O Miguel captura beleza onde outros só vêem banalidade. Numa discussão constante entre a imaginação e a sensação. Adora criar histórias onde mais ninguém as vê, numa fase da vida em que se sente na idade dos porquês. Um olhar pessoal para com o mundo que o rodeia, com a mente atenta ao que a inspiração lhe sussurra. Encontrou na poesia a ferramenta para se exprimir de forma criativa do que mais lhe faz sentir. Os seus poemas têm um fim, mas não a sua vontade de escrever.



Se eu tivesse esse poder
De brincar com a genética alheia
E de recriar os teus olhos para perceber
O olhar que tanto me bloqueia como desbloqueia

Eu ia já ontem para a oficina
Levava as cores da última gama
Misturava a tonalidade que sei que combina
O teu castanho doce mais o vermelho da sua chama

Fazia as mãos delicadas e carentes
Dois antebraços seus de várias sedas
Invejadas texturas transcendententes
Num toque de ascensão sem imaginável queda

Passava-lhe o cabelo pela água do mar
Perdia-me na ondulação em espiral
Deixava-lhe um elástico no pulso caso quisesse mostrar
Alguma parcela do pescoço ou todo o seu potencial

Fechava os olhos e sonhava (a dormir ou acordado)
E redesenhava as curvas que me seduzem sem intenção
Fazia-lhe a mulher do meu conceito desejado
Curvas tuas memorizadas que nunca se esquecerão

Colhia os cheiros de sul a norte
Até encontrar o teu saudoso incenso
Um sentimento que é mais que um perfume forte
Um lar que me atrai. Um lar onde pertenço

Guardava os sons onde não pudessem escapar
E libertava-os só depois de obter a fórmula

De uma voz tua que me fizesse viajar
Sob e sobre as nuvens da paixão incrível

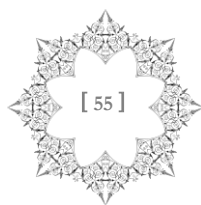
Finalmente, perdia horas na sua boca e sorriso
Não poupando em detalhes da naturalidade primorosa
No esboço dos seus lábios romantizava um paraíso
De uma paisagem numa praia calmante porém fervorosa

Este era o teu clone que eu criaria
Para partilhar os meus poemas, meu corpo, meu tempo
Libertando-te da mágoa repetida que se agravaria
Na possibilidade de um outro doloroso afastamento

Já eu, lá me aguentaria em técnicas de sobrevivência
Se é que estas funcionam realmente...
Mas só a ideia de voltar a dançar na reflorescência
Enche-me a vontade de compor o que este poema sente

Mas como seria capaz de criar um clone teu
Concebido à imagem que nas minhas memórias mora
E despedaçar-lhe o coração, que é também meu
Revivendo a dor dupla enquanto eu choro, enquanto ele chora?

No fim questiono-me se será o tempo o cientista verdadeiro
Que cria clones inesperados de futuros antes previsíveis
E se tu és agora o teu próprio clone e eu do tempo prisioneiro
No meu passado que não vê outros futuros possíveis





Apresentamos o Poema Algo verdadeiro

Por Natália Franco

Sobre a autora: Uma garota apaixonada por palavras desde a infância que ama escrever sobre o amor. Uma romântica sonhadora. Estudante de letras e autora do Romance " A ordem do Herdeiro" disponível na amazon e no clube dos autores.



Ele percebeu na mesma hora
Que meu olhar
Estava voltado somente para o dele
Não demorou
Para que viesse até mim
E me chamasse para dançar
Não tive como dizer não
Nossos braços se entrelaçaram
E parecia que já se conheciam
A séculos
De tão perfeitamente que se encaixaram
Depois durante a dança me girou
E parecia que não
Havia
Mais ninguém
Naquele salão lotado
De tantas pessoas
Superficiais
Era uma benção
Perceber
Que éramos os únicos
Ali
Que realmente estavam compartilhando
Algo verdadeiro





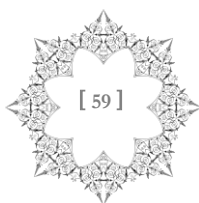
Apresentamos o Poema Não vai escutar

Por Natália Franco

Sobre a autora: Uma garota apaixonada por palavras desde a infância que ama escrever sobre o amor. Uma romântica sonhadora. Estudante de letras e autora do Romance "A ordem do Herdeiro" disponível na amazon e no clube dos autores.



Sua pele fria
Encontrada na minha mão
Fa as lágrimas caírem do meu rosto
E seus olhos fechados
Ainda tinham tantos olhares para lançar
E no fundo do meu coração
Eu tinha esperança de que
Algun deles pudesse quem sabe
Ser para mim
A garota que sonha
Com o gosto dos seus lábios
Desde aquele dia
Em que apareceu na minha frente
Com aquele cabelo desarrumado
E sorriso mais sedutor
Que o
Luar mais brilhante
O que mais me dói e que
Nunca vou poder finalmente
Tomar coragem para te dizer tudo isso
Porque agora
Não importa
O quanto eu grite que te amo
Sei que
Não vai escutar





Apresentamos o Poema Sonhos e desejos

Por Rebeca Saldanha

Sobre a autora: Lúcia Maria Paulino Santos, filha de Itaúna/mg belo-horizontina de coração.
Tem 72 anos, casada, mãe de dois filhos, professora de educação física e de ioga; aposentada.
Amante das artes e, principalmente, da linguagem escrita.



Dois amigos
Sentados na calçada...
Silêncio nos lábios,
Corações a palpitar!

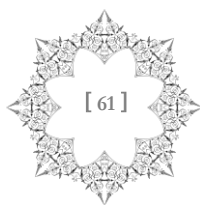
Amigos na solidão,
Sempre juntos.
“O poeta escreveu:
— O amor existe”,

Caminhadas,
Conversas banais,
Lembranças...
O tempo guardará.

Música no ar.
Eles dançam, rodopiando.
Rosto e corpo,
Colados ficam.

Madrugada.
Cada um no seu sozinho.
Eles sonham...
São amantes

Outro dia.
Sentados na calçada...
Dois amigos abraçados!
Sonhos e desejos!





Apresentamos o Poema Parecências

Por Beto Filho

Sobre o autor: Professor universitário, encantado pela literatura ficcional, alguém que admira as palavras e não se cansa de brincar, seriamente, com elas.



às vezes é tanta coisa
que aparece e se parece
de música a dança
o som e o movimento do corpo
as cores, as vozes
das ideias
tantas e tantas, distintas
e tão parecidas
que, às vezes
parece que tudo é versão de tudo
como aquela coisa, pouco fiel
do cabelo que vira peruca
ou como se uísque fosse só
um cheiro de iodo no copo vazio
e assim, meio sem saber
ou querer
parece que tudo vai ficando
numerado, perfilado, parado
à espera de algo, de uma
coisa qualquer que feche esse
buraco, aberto no céu
esse fosso entre nuvens que segue
por aí, flutuando





Apresentamos o Poema

Nós dois

Por Talles Felix Caravetta

Sobre o autor: Talles Felix Caravetta, é um jovem gaúcho de Porto Alegre, poeta e aspirante a escritor. Seu nascimento e crescimento na periferia de uma grande cidade, com certeza influencia na sua obra. Além disso, há uma forte influência de autores de poesia nacionais como Drummond de Andrade e Renato Russo na música.



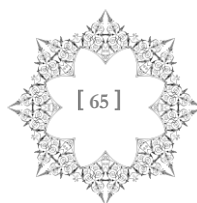
Andamos nossos passos
Com toda nossa exaustão
Ainda somos rastros
Do sopro da criação

Nadamos nossos mares
Por todo o mundo
Ainda trocamos olhares
Sob o oceano profundo

Voamos com os anjos
Sobre nosso planeta
Então realizamos planos
Que víamos pela luneta

Deitamos com as chuvas
E caímos como nuvem
Ainda do alto vemos ruas
E as luzes que nos unem

Somos duas almas unidas
Vagando sem rumo definido
E ainda aguardamos os dias
Em que tocaremos o infinito





Apresentamos o Poema Eternamente Sol

Por Wanda Rop

Sobre a autora: Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, Major PMRO, antologista, poetisa, Formação Curso Superior de Filosofia, cursando último semestre do Curso Superior História, Pós-Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Acadêmica da A.I.S.L.A, A.L.S.P.A, FEBACLA, AILB, AIML e Membro Fundadora da ABHL, Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa" e "TEMPO DE AMAR"

periferia de uma grande cidade, com certeza influencia na sua obra. Além disso, há uma forte influência de autores de poesia nacionais como Drummond de Andrade e Renato Russo na música.



“Em versos, ela é Sol, tão fascinante
Na vida aprendeu a ser flor exuberante
Mulher girassol, de extremo valor
Luz que se propaga em forma de amor

Espalha gentilezas e graciosidade
Menina bela, flor de simplicidade
Inteligente, educadora e delicada
Mulher forte, pedagoga, que a vida encara

Ama a natureza e se encanta com animais
Sua alma bondosa vê beleza em tudo
Ela é leal e verdadeira, admirável atributo

Doce amizade, assim seja, por toda vida
Menina-liberdade, mulher-formosa
Eternamente Sol, poetisa esplendorosa”

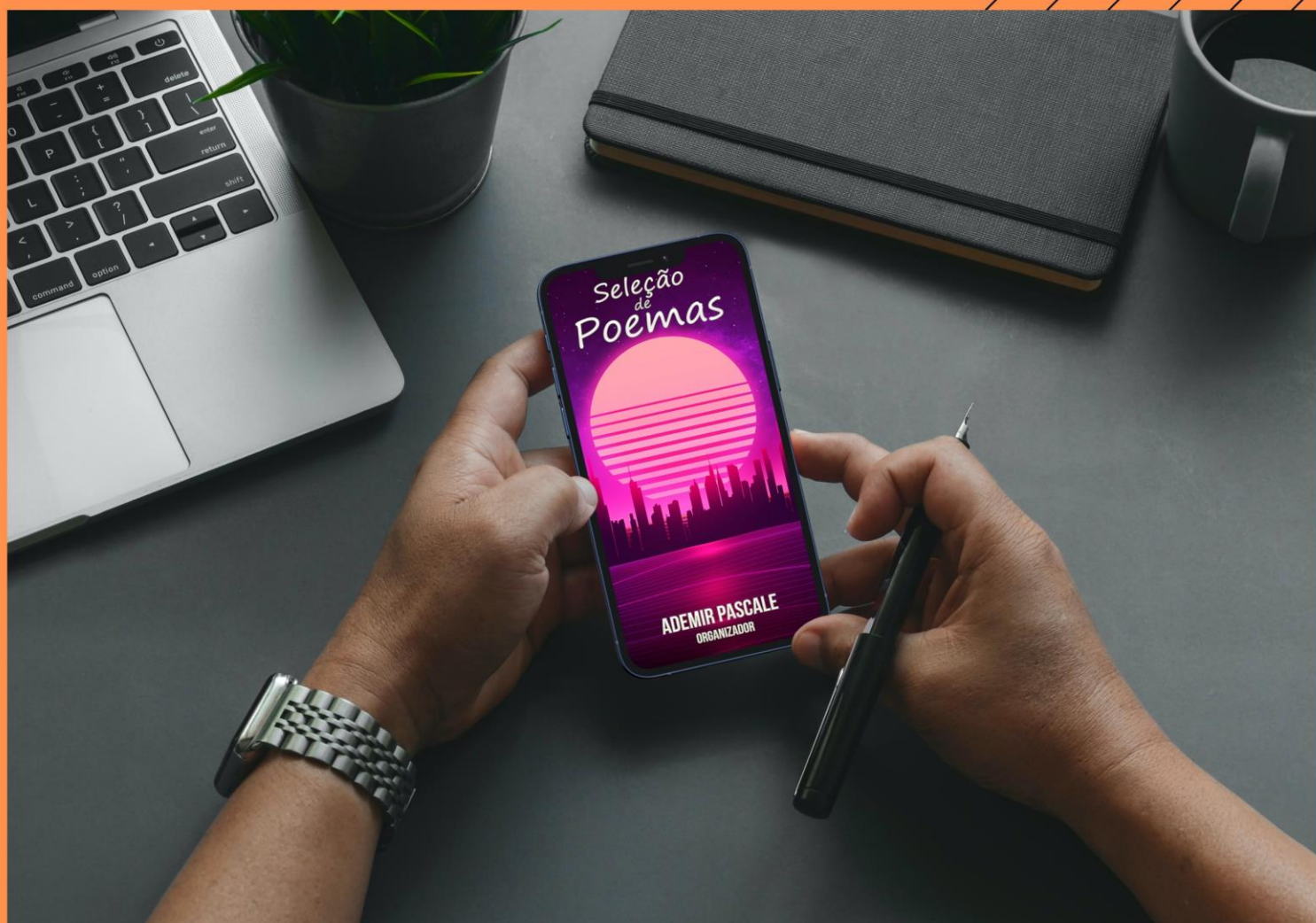
(Homenagem à poetisa paulista, Sol em Versos-Célia de Holanda Cavalcante)

Instagram: @sol.emversos



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**